



LUXAÇÃO ESCÁPULO-UMERAL EM ARAÇARI-CASTANHO (*PTEROGLOSSUS CASTANOTIS*): RELATO DE CASO

Vanessa Cristina Martins (apresentador)¹
Leonardo Gruchouskei²
Emanuel Caon³
Gentil Ferreira Gonçalves⁴
Patricia Romagnolli⁵

Resumo: Incluída na ordem Piciforme, a família *Ramphastidae* é constituída por tucanos e araçaris, aves distribuídas por toda região neotropical da América Central. Dentro do gênero *Pteroglossus*, a espécie *P. castanotis* (araçari-castanho) é considerada uma das espécies mais comuns em cativeiros do sul e sudeste brasileiro. Um espécime de araçari-castanho, admitido na SUHVU/UFFS *Campus Realeza/PR*, foi encontrado ferido e incapaz de voar há três dias no município de Francisco Beltrão/PR. Na avaliação do sistema músculo-esquelético foi observada a presença de um hematoma de 2 cm de diâmetro na região escapular esquerda. A palpação da asa esquerda revelou crepitação na articulação escápulo-umeral. Para realização de exame radiográfico de admissão, o animal foi contido com o uso de Midazolam (2 mg/kg) intranasal, na dose de 0,08 mL. A imagem radiográfica demonstrou a presença de luxação da articulação escápulo-umeral esquerda, com desvio ventral da asa. O termo “luxação” é utilizado para referenciar o deslocamento de um osso em uma articulação, que pode ser causado por trauma ou ter origem congênita. A redução da luxação pode ser aberta ou fechada, sendo a aberta usada em articulações instáveis, lesões crônicas ou em casos de avulsão do tendão do músculo bíceps braquial. A redução fechada, com imobilização do membro, é utilizada em lesões com menos de sete dias. Muitas afecções articulares são tratadas apenas de forma clínica, e não cirúrgica, pois ao incisar uma articulação há o agravamento de um ou mais planos teciduais, fasciais ou fibrosos, que têm como função estabilizar a articulação. Devido aos riscos envolvidos em uma correção cirúrgica da luxação, incluindo anestesia e possibilidade de reincidência da afecção após o tratamento, optou-se pela redução fechada da mesma, por meio de

¹ Graduanda do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Realeza*, vanessamartins578@gmail.com

² Mestre, Médico Veterinário, Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Realeza*, leonardo.gruchouskei@uffs.edu.br

³ Médico Veterinário adjunto na Superintendência Unidade Hospitalar Veterinária Universitária, Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Realeza*, emanuel.caon@uffs.edu.br

⁴ Doutor, Médico Veterinário, Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Realeza*, gentil.goncalves@uffs.edu.br

⁵ Doutora, Médica Veterinária, Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Realeza*, patricia.romagnolli@uffs.edu.br



imobilização. A articulação permaneceu imobilizada por 15 dias, com o uso de fita adesiva e imobilização da asa. O animal permaneceu sob acompanhamento médico-veterinário, recebendo analgesia por Tramadol (4 mg/kg) intramuscular e Midazolam (2 mg/kg) intranasal, sendo ainda realizada fluidoterapia subcutânea (2 mL). A alimentação fornecida ao animal durante o período de acompanhamento constituiu-se de frutas e batata-doce. O animal permaneceu alojado em uma gaiola de tamanho pequeno e com poucos poleiros, para restringir tentativas de vôo, que poderiam agravar a lesão. Após 15 e 50 dias, novos estudos radiográficos foram realizados, por meio de contenção da ave com aparato de acrílico e fita adesiva, ambos apontaram a permanência da luxação e do desvio ventral da asa, mesmo após imobilização. Devido ao comprometimento permanente da articulação do ombro, a ave apresentou impossibilidade de vôo, impedindo sua reintrodução na natureza. Diante disso, a mesma foi encaminhada para o zoológico de uma instituição educacional, para fins de sua conservação em alojamento adequado.

Palavras-chave: Afecção articular. Aves silvestres. *Ramphastidae*.

Categoria: UFFS - Extensão

Área do Conhecimento: Ciências Agrárias

Formato: Comunicação Oral